FORMAÇÃO DO PEDAGOGO EM ESPAÇOS NÃO-FORMAIS DE ENSINO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DAS AÇÕES DO CENTRO DE CIÊNCIAS E PLANETÁRIO DO PARÁ

Paloma de Fátima Malcher de Oliveira[1]; Alice dos Santos Sousa[2]

[1]Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil, malcherpaloma@gmail.com

[2]Universidade do Estado do Pará, Doutoranda em Educação - PUC-Rio, Belém, Pará, Brasil, alice@uepa.br

Resumo

Este artigo apresenta um relato de experiência sobre o estágio realizado no Centro de Ciências e Planetário do Pará (CCPPA), caracterizado como museu de ciências e espaço de educação não-formal, a partir da atuação de uma estudante do curso de Pedagogia ao longo de dois anos. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter reflexivo e bibliográfico, configurando-se como relato de experiência. A investigação foi desenvolvida a partir da observação das práticas educativas realizadas no CCPPA, incluindo visitas mediadas, eventos educativos, oficinas e formações internas, cujos registros foram sistematizados por meio de relatórios de estágio e anotações reflexivas. A análise das experiências seguiu uma perspectiva interpretativa, articulando as vivências do estágio ao referencial teórico sobre educação não-formal, estágio supervisionado e formação do pedagogo. Os resultados evidenciam que a atuação do pedagogo em centros de ciências demanda intencionalidade pedagógica, planejamento e mediação qualificada, bem como habilidades relacionadas à comunicação científica, à adaptação da linguagem a públicos heterogêneos e à organização de práticas educativas interdisciplinares. As experiências analisadas indicam que o estágio em espaço não-formal potencializa a articulação entre teoria e prática e contribui para a ampliação do repertório pedagógico. Conclui-se que os centros de ciências se configuram como espaços formativos relevantes na formação inicial do pedagogo, reforçando a necessidade de ampliar o debate e as práticas formativas voltadas à atuação profissional em contextos não escolares.

Palavras-Chave: Formação do pedagogo. Educação não-formal. Museu de ciências. Centro de Ciências e Planetário do Pará.

1. Introdução

A formação do pedagogo no Brasil esteve historicamente vinculada ao espaço escolar formal, especialmente à docência na educação básica, o que contribuiu para a consolidação de uma compreensão restrita acerca dos campos de atuação desse profissional. Embora a escola

permaneça como espaço central da prática pedagógica, os processos educativos extrapolam seus limites institucionais e se desenvolvem também em contextos não formais, como museus, centros de ciências e planetários, nos quais se realizam práticas pedagógicas intencionais, organizadas e socialmente relevantes. Nesse sentido, torna-se necessário ampliar o debate sobre a formação inicial do pedagogo, de modo a contemplar experiências educativas que se realizam para além do contexto escolar.

O estágio constitui um momento central nesse processo formativo, pois possibilita a aproximação entre os conhecimentos teóricos construídos ao longo do curso e as práticas educativas desenvolvidas em contextos reais. Mais do que uma atividade prática, o estágio pode ser compreendido como experiência formativa, reflexiva e investigativa, na medida em que favorece a análise crítica do fazer pedagógico e a construção da identidade profissional. No caso dos espaços não formais, essa experiência ganha relevância adicional, uma vez que expõe o pedagogo em formação a outras linguagens, públicos e formas de mediação do conhecimento.

Este estudo caracteriza-se como um relato de experiência, de abordagem qualitativa, reflexiva e bibliográfica, construído a partir das vivências no estágio não obrigatório realizado no Centro de Ciências e Planetário do Pará (CCPPA), no período de abril de 2023 a março de 2025. As experiências analisadas referem-se às ações educativas e de mediação pedagógica desenvolvidas nesse espaço, como visitas mediadas, eventos educativos, oficinas e formações internas. Os registros foram sistematizados por meio de relatórios de estágio e anotações reflexivas, sendo analisados à luz do referencial teórico sobre formação do pedagogo, estágio supervisionado e educação não-formal. A questão que orienta o artigo é: de que maneira as experiências vivenciadas no CCPPA contribuem para a formação do pedagogo em espaços não formais de ensino? Assim, o objetivo do estudo é refletir sobre as contribuições dessas experiências para a formação do pedagogo, analisando as ações desenvolvidas no CCPPA à luz da literatura sobre estágio, formação docente e educação não-formal.

2. O estágio na educação não-formal e suas contribuições

A compreensão do estágio como experiência formativa fundamenta-se nos estudos de De Paula (2011), que concebe o estágio como processo reflexivo e investigativo, no qual a prática

pedagógica é analisada como ação social situada. Nessa perspectiva, o estágio possibilita a construção de saberes profissionais a partir da reflexão sobre a experiência vivida.

Almeida *et al*. (2019) reforçam essa concepção ao afirmarem que o estágio favorece a articulação entre teoria e prática, contribuindo para o desenvolvimento da identidade profissional do pedagogo. As autoras destacam que o contato com situações reais de trabalho educativo amplia a compreensão do fazer pedagógico.

No que se refere aos espaços não-formais de ensino, Araújo et al. (2014) discutem a atuação do pedagogo em ambientes não escolares, ressaltando que a educação ocorre em diferentes contextos sociais. A educação não-formal caracteriza-se por sua flexibilidade, diversidade de públicos e metodologias próprias, exigindo do pedagogo competências relacionadas à mediação pedagógica e à comunicação do conhecimento.

2.1 A educação não-formal e o alargamento do campo educativo

A educação não-formal constitui um campo educativo que não se reduz à ideia de mera "atividade fora da escola", uma vez que envolve intencionalidade pedagógica, organização e objetivos formativos específicos, ainda que não opere segundo a lógica seriada, avaliativa e certificadora característica da educação escolar formal. Essa compreensão permite deslocar a análise da educação para além dos limites institucionais da escola, reconhecendo que os processos educativos se desenvolvem em diferentes espaços sociais, culturais e científicos.

Nesse sentido, Libâneo (2007) diferencia as modalidades educativas ao afirmar que a educação não-formal se realiza em instituições educativas situadas "fora dos marcos institucionais", mas dotadas de "certo grau de sistematização e estruturação" (Libâneo, 2007, p. 31). O autor distingue ainda a educação informal, caracterizada pela ausência de intencionalidade e organização pedagógica, daquela que, embora não escolar, apresenta objetivos educativos explícitos e práticas planejadas. Para Libâneo (2007), a educação informal corresponde a ações e influências vivenciadas nos diferentes espaços sociais, "não intencionais e não organizadas", enquanto a educação não-formal ocupa um lugar intermediário, articulando intencionalidade educativa e flexibilidade organizacional (Libâneo, 2007, p. 32).

Essa distinção é fundamental para evitar leituras reducionistas que tratam museus, centros de ciências e planetários apenas como espaços de lazer ou visitação. Ao contrário, quando compreendidos a partir da perspectiva da educação não-formal, esses espaços passam a ser reconhecidos como ambientes educativos, nos quais há planejamento, mediação pedagógica e estratégias específicas de ensino e aprendizagem. Conforme explicitam Marquezan e Andrade (2022), a educação não-formal é aquela que se desenvolve em instituições educativas fora do meio escolar, possuindo "um grau de sistematização e uma relação pedagógica não formalizada" (Marquezan; Andrade, 2022, p. 7). Essa formulação reforça a ideia de que a ausência da estrutura escolar não implica ausência de pedagogia.

Ao enfatizar a dimensão socioterritorial da educação não-formal, Gohn amplia essa compreensão ao situar os processos educativos nas trajetórias de vida dos sujeitos e nas práticas coletivas cotidianas. Para a autora, a educação não-formal é aquela que se aprende "no mundo da vida, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas" (Gohn, 2016, p. 19). Em outra formulação, afirma que "os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas" (Gohn, 2016, p. 29). Essa perspectiva desloca a centralidade do prédio escolar e permite reconhecer que a produção de aprendizagens ocorre em instituições culturais, comunitárias e científicas, nas quais a experiência, a interação e a mediação assumem papel central.

A partir dessa abordagem, a educação não-formal deixa de ser compreendida como um campo residual ou complementar à educação escolar e passa a ser reconhecida como espaço legítimo de formação humana. Em diferentes contextos sociais, como bairros, associações, projetos sociais e instituições culturais, desenvolvem-se práticas educativas intencionais que contribuem para a formação integral dos sujeitos. Nesses espaços, constroem-se conhecimentos, valores e atitudes por meio da participação em experiências coletivas, o que reforça o caráter social e relacional da aprendizagem.

No entanto, apesar do reconhecimento teórico da relevância da educação não-formal, a literatura aponta que esse campo ainda ocupa lugar secundário nos processos de formação inicial do pedagogo. Estudos evidenciam que, embora as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia indiquem a possibilidade de atuação em espaços não escolares, essa

dimensão nem sempre se traduz em formação consistente nos currículos. Lucindo e Ribeiro destacam que, mesmo quando os cursos propiciam visitas técnicas ou experiências pontuais, "a formação do pedagogo para atuar em espaços não escolares ocorre de forma frágil e superficial", uma vez que a formação voltada à docência escolar permanece mais acentuada (Lucindo; Ribeiro, 2019, p. 106).

Essa fragilidade formativa contribui para a manutenção de uma compreensão restrita do campo de atuação do pedagogo, reforçando a escola como principal, e muitas vezes único, horizonte profissional. Nessa direção, estudos sobre a formação em Pedagogia mostram que muitos estudantes ainda possuem pouco conhecimento sobre a atuação em espaços não formais e relatam que as disciplinas que abordam a temática o fazem de maneira superficial. A ausência de uma formação mais sistemática voltada para esses espaços compromete, assim, a apropriação das especificidades do fazer pedagógico em contextos não escolares, como museus e centros culturais.

Dessa forma, a discussão sobre educação não-formal não se limita à definição conceitual de uma modalidade educativa, mas implica também problematizar o lugar que esse campo ocupa na formação do pedagogo. Ao reconhecer que há práticas pedagógicas intencionais para além da escola, torna-se necessário repensar a formação inicial de modo a contemplar, com maior consistência, experiências e reflexões voltadas à atuação em espaços não escolares. É nesse horizonte que a análise do Centro de Ciências e Planetário do Pará se torna relevante, uma vez que permite observar, no plano concreto, como um espaço de educação não-formal pode constituir-se em campo de formação pedagógica e em lugar de ampliação das possibilidades de atuação do pedagogo.

2.2 O Centro de Ciências e Planetário do Pará

No contexto das discussões sobre educação não-formal e formação do pedagogo, o Centro de Ciências e Planetário do Pará (CCPPA) apresenta-se como um espaço institucional importante para compreender como práticas educativas não escolares podem contribuir para a formação inicial desse profissional. Ao articular divulgação científica, mediação cultural e ações pedagógicas voltadas a diferentes públicos, o CCPPA evidencia que os centros de ciências

não se restringem à função expositiva, mas podem ser compreendidos como ambientes educativos nos quais se desenvolvem experiências formativas socialmente relevantes.

No ano de 1999 na cidade de Belém no Pará, foi fundado o então Planetário do Estado do Pará, sendo este o primeiro da região norte do país. em seu nome, homenageia o cientista e matemático paraense, Sebastião Sodré da Gama, que foi o responsável por dirigir o Observatório Nacional durante os anos de 1931 a 1951, assim como também foi membro do Núcleo Fundador da Sociedade Brasileira de Ciências[1].

Após alguns anos de funcionamento, o espaço foi reformulado para abrigar um centro de ciências voltado às áreas das ciências naturais e exatas, passando a denominar-se Centro de Ciências e Planetário do Pará (CCPPA). Essa reformulação não representou apenas uma mudança estrutural, mas também conceitual, ao ampliar o escopo de atuação da instituição e consolidá-la como espaço de educação não-formal. A organização interna do CCPPA é composta por direção, professores, técnicos, estagiários bolsistas e voluntários. Os professores e técnicos são responsáveis pela realização de formações, palestras e oficinas baseadas em situações-problema, direcionadas aos estagiários bolsistas, com o objetivo de ampliar e qualificar os processos formativos desses educandos, o que reforça o caráter pedagógico das ações desenvolvidas no espaço.

Para o público externo, o espaço visa ser um colaborador e facilitador para escolas, professores, e público espontâneo, por meio das visitas guiadas pelo espaço e pela sessão astronômica através da cúpula de projeções.

Durante o período de estágio no CCPPA, a estagiária do curso de Pedagogia vivenciou experiências formativas significativas para sua formação profissional, que contribuíram tanto para a compreensão da atuação técnica do pedagogo quanto para o entendimento ampliado do trabalho docente, para além do contexto escolar formal. Essas experiências possibilitaram a articulação entre os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da formação inicial e as práticas pedagógicas desenvolvidas no espaço não-formal.

Anualmente, o CCPPA promove e participa de eventos e ações educativas, como a Semana Nacional dos Museus e a Primavera dos Museus, abertos à comunidade interna e externa.

[1] Atual Academia Brasileira de Ciências.

Durante esses eventos, são realizados debates com temáticas diversas e contemporâneas, que contribuem para a formação pedagógica, cultural e social dos estagiários. Entre as ações desenvolvidas, destacam-se atividades com temáticas relevantes, como “Uma proposta para descolonizar museus e planetários por meio da confecção de bebês Abayomis”, realizada em 2023. Essa experiência possibilitou à estagiária refletir sobre diferentes possibilidades de utilização de práticas pedagógicas relacionadas à valorização da cultura afro-brasileira, tanto em contextos de educação formal quanto não-formal, evidenciando o potencial formativo dessas ações para a atuação do pedagogo.

No que se refere à composição da equipe de estagiários, observa-se que, entre os estagiários das áreas de ciências naturais e matemática, há apenas uma vaga destinada ao curso de Pedagogia no CCPPA. Diferentemente dos demais estagiários, o pedagogo não atua prioritariamente na apresentação dos experimentos e exposições durante as visitas espontâneas e escolares, mas desenvolve atividades de mediação relacionadas às dúvidas dos visitantes sobre o espaço, sua funcionalidade e sua história. Além disso, o trabalho do pedagogo ocorre de maneira interna, uma vez que o estagiário de Pedagogia integra a assessoria pedagógica da instituição. Nesse âmbito, o estagiário vivencia experiências relacionadas ao planejamento, à organização, à execução e à avaliação das ações educativas desenvolvidas no CCPPA, participando da elaboração de propostas pedagógicas, da organização das atividades formativas, do acompanhamento das práticas educativas e da reflexão sobre os processos de mediação realizados. Essas atribuições evidenciam que a atuação do pedagogo no CCPPA envolve um conjunto ampliado de responsabilidades pedagógicas, reafirmando o caráter formativo do estágio e a centralidade do planejamento e da avaliação na prática educativa em espaços não-formais.

A assessoria pedagógica abarca diversas funções, configurando-se como um eixo estruturante das ações educativas desenvolvidas no CCPPA. Nesse contexto, o pedagogo é responsável pela coordenação, pelo planejamento e pela organização das práticas educativas da instituição, atuando também no acompanhamento e na avaliação das ações formativas realizadas. Com a chegada de novos estagiários para compor a equipe do CCPPA, são organizadas formações voltadas à mediação dos experimentos e do espaço expositivo, bem como formações relacionadas ao atendimento ao público. Destacam-se, nesse processo, as ações formativas

voltadas à acessibilidade e à inclusão de diferentes perfis de visitantes, evidenciando o compromisso pedagógico do CCPPA com práticas educativas planejadas, reflexivas e socialmente responsáveis.

Desse modo, o CCPPA configura-se não apenas como espaço de divulgação científica, mas como campo educativo e formativo no qual o pedagogo em formação vivencia experiências relacionadas à mediação, ao planejamento, à organização e à avaliação de práticas pedagógicas em contexto não escolar. É a partir dessa inserção concreta no campo que se torna possível analisar, mais detidamente, as contribuições dessas experiências para a formação inicial do pedagogo.

3. O estágio em espaço não-formal como experiência formativa: resultados e discussão

As experiências vivenciadas no Centro de Ciências e Planetário do Pará (CCPPA) evidenciam que as ações educativas desenvolvidas nesse espaço constituem um campo formativo relevante para a formação inicial do pedagogo, sobretudo por exigirem a mobilização de saberes pedagógicos em contextos não escolares. Nesse sentido, as ações desenvolvidas no CCPPA contribuem significativamente para a formação do pedagogo, uma vez que as atividades analisadas demandaram mediação pedagógica, adaptação da linguagem ao público e organização de práticas educativas em contextos diversos.

As visitas mediadas e os eventos educativos exigiram do pedagogo habilidades relacionadas à comunicação científica e à interação com públicos heterogêneos, como crianças, jovens, adultos e grupos escolares. Tal como apontado, essas atividades demandaram do pedagogo competências específicas ligadas à mediação e à interação com públicos diversos, reforçando que a atuação pedagógica nesses espaços ultrapassa a simples transmissão de informações. Observou-se que o pedagogo atua como mediador entre o conhecimento científico, os objetos expositivos e os sujeitos visitantes, exigindo sensibilidade pedagógica, escuta atenta e capacidade de tradução dos conteúdos científicos para diferentes faixas etárias e contextos socioculturais.

Esse resultado converge com o que Souza (2024) identificou em sua pesquisa sobre a atuação de pedagogos em museus, ao afirmar que esses profissionais atuam majoritariamente nos setores educativos, sendo responsáveis, sobretudo, pelo “planejamento e avaliação das ações

educativas" (Souza, 2024, p. 109). No CCPPA, essa função manifesta-se na organização das visitas, na definição das abordagens educativas e na mediação entre o acervo científico e os visitantes, reafirmando o caráter educativo e intencional dessas práticas.

As oficinas e formações internas, conforme destacado no relato, favoreceram a ampliação do repertório pedagógico e científico dos estagiários, evidenciando a dimensão interdisciplinar da formação em espaços não-formais. Nessas atividades, os pedagogos em formação foram desafiados a articular conhecimentos da Pedagogia com conteúdo das ciências naturais, da astronomia e da divulgação científica, reafirmando que o trabalho pedagógico em centros de ciências extrapola a lógica escolar tradicional. Tal resultado dialoga com Araújo e Lucindo (2014), ao apontarem que, nos museus, o pedagogo atua no desenvolvimento de "projetos, práticas e pesquisas", bem como na coordenação das atividades educativas (Araújo; Lucindo, 2014, p. 20).

Outro resultado relevante refere-se à necessidade constante de adaptação da linguagem científica aos diferentes públicos. As experiências no CCPPA evidenciaram que crianças, jovens e adultos demandam estratégias distintas de mediação, o que exige do pedagogo domínio de diferentes formas de comunicação e constante reflexão sobre sua prática. Esse aspecto reforça o caráter formativo do estágio em espaços não-formais, na medida em que possibilita ao estudante vivenciar situações educativas que não se restringem à sala de aula e que demandam práticas pedagógicas flexíveis, contextualizadas e sensíveis às especificidades do público.

Os resultados do relato de experiência dialogam com a literatura ao confirmarem a concepção do estágio como processo formativo e reflexivo, conforme defendido por De Paula (2011). As experiências no CCPPA evidenciam que a prática pedagógica em espaços não-formais demanda constante reflexão e adaptação, uma vez que os desafios apresentados pelo contexto exigem do pedagogo a reelaboração contínua de suas estratégias educativas. Assim, o estágio configura-se como espaço privilegiado de articulação entre teoria, prática e reflexão crítica, contribuindo para a construção da identidade profissional do pedagogo.

A articulação entre teoria e prática, apontada por Almeida et al. (2019), manifesta-se de forma concreta nas ações desenvolvidas no CCPPA, nas quais os conhecimentos pedagógicos foram mobilizados em situações reais de mediação científica, permitindo ao estudante reinterpretar

os saberes construídos na formação inicial. Esse movimento favorece o desenvolvimento de uma postura profissional mais crítica e reflexiva, fortalecendo a compreensão do trabalho pedagógico para além do espaço escolar.

Além disso, as experiências analisadas corroboram as discussões de Araújo et al. (2014) ao evidenciarem a legitimidade da atuação do pedagogo em ambientes não escolares. As práticas desenvolvidas no CCPPA reafirmam que museus e centros de ciências se constituem como espaços educativos estruturados, nos quais se desenvolvem ações pedagógicas intencionais, planejadas e socialmente relevantes, reafirmando o lugar do pedagogo nesses contextos e contribuindo para o alargamento de seu campo de atuação profissional.

Por fim, ao considerar o CCPPA como espaço educativo não-formal, este estudo reforça a necessidade de repensar os processos formativos nos cursos de Pedagogia, de modo a contemplar de forma mais consistente a atuação do pedagogo em espaços não escolares. As experiências vivenciadas pelos estagiários demonstram que centros de ciências e planetários são ambientes formativos potentes, nos quais se constroem aprendizagens significativas e se ampliam as possibilidades de atuação profissional, fortalecendo uma concepção de Pedagogia comprometida com a diversidade dos contextos educativos contemporâneos.

4. Conclusão

O relato de experiência apresentado evidencia que o estágio realizado no Centro de Ciências e Planetário do Pará contribui de forma significativa para a formação inicial do pedagogo, ao possibilitar vivências educativas em um espaço não-formal que exige intencionalidade pedagógica, planejamento e mediação qualificada. As ações desenvolvidas no CCPPA favoreceram a articulação entre teoria e prática, o desenvolvimento de competências mediadoras e a ampliação da compreensão dos estudantes acerca dos processos educativos que se realizam para além do contexto escolar.

Os resultados analisados indicam que a atuação do pedagogo em centros de ciências demanda competências específicas relacionadas à comunicação científica, à adaptação da linguagem a públicos heterogêneos e à construção de práticas educativas interdisciplinares. Essas exigências evidenciam que o trabalho pedagógico em espaços não-formais não pode ser

compreendido como extensão secundária da prática escolar, mas como um campo próprio de atuação profissional, dotado de especificidades e potencial formativo relevante. Nesse sentido, o estágio no CCPPA mostrou-se um dispositivo formativo potente, capaz de tensionar concepções tradicionais de ensino e aprendizagem e de ampliar o repertório profissional dos futuros pedagogos.

Ao mesmo tempo, o estudo evidencia limites estruturais presentes na formação inicial em Pedagogia, especialmente no que se refere à preparação para atuar em espaços não escolares. Embora as Diretrizes Curriculares Nacionais reconheçam a possibilidade de atuação do pedagogo em contextos diversos, a literatura aponta que essa ampliação do campo profissional nem sempre se materializa de forma consistente nos currículos. As experiências desenvolvidas no CCPPA contribuem, portanto, para reduzir a distância entre o que é prescrito nas políticas de formação e o que efetivamente se concretiza no percurso formativo dos estudantes.

Dessa forma, conclui-se que os centros de ciências constituem espaços formativos relevantes na formação inicial do pedagogo, não apenas por ampliarem as possibilidades de atuação profissional, mas por reafirmar uma concepção de educação que reconhece a diversidade dos contextos educativos contemporâneos. O fortalecimento de experiências formativas em espaços não-formais, como o CCPPA, aponta para a necessidade de repensar os currículos dos cursos de Pedagogia, de modo a incorporar, de forma mais sistemática, práticas educativas que dialoguem com a ciência, a cultura e a mediação do conhecimento, contribuindo para a formação de pedagogos críticos, reflexivos e comprometidos com a educação em múltiplos espaços sociais.

5. Referências

ALMEIDA, Adriéle Lorraine Lopes de; AIO, Bianca Rafaela; TOLEDO, Isabela Caroline da Silva. A importância do estágio na formação do pedagogo: a relação entre a teoria e a prática. 2019. 22 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Santa Rita, Novo Horizonte, 2019.

ARAÚJO, Iara Rodrigues de; LUCINDO, Nilzilene Imaculada. A ação educativa em museus: desafios e possibilidades para a atuação do pedagogo. In: **Anais do Congresso Nacional de Educação**. [S.l.: s.n.], 2014.

ARAÚJO, Nádia Fernanda Martins de; LIMA, Sara Regina de Oliveira; CUNHA, Sislanne Felsan; FERNANDES, Lina Maria Santana. **Pedagogia social: a atuação do pedagogo em ambiente não-escolar**. In: Anais VI FIPED. Campina Grande: Realize Editora, 2014.

Disponível em: https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/6508?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 22 fev. 2026.

DE PAULA, Simone Grace**.** O estágio do pedagogo como processo formativo: relato de experiência. *Paidéia:* **Revista do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde**, Universidade FUMEC, Belo Horizonte, ano 8, n. 10, p. 29–46, jan./jun. 2011.

GOHN, M. G. Educação não formal nas instituições Sociais. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 18, n. 39, p. 59-75, set./dez. 2016. DOI: http://dx.doi.org/10.22196/rp.v18i39.3615.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LUCINDO, Nilzilene Imaculada; RIBEIRO, Macilene Vilma Gonçalves. Formação do pedagogo para atuar em espaços não escolares: percepções e perspectivas do estudante de pedagogia. **Revista @mbienteeducação,** São Paulo, v. 12, n. 3, p. 105–131, set./dez. 2019. Disponível em: https://doi.org/10.26843/ae19828632v12n32019p105a131.

MARQUEZAN, Fernanda Figueira; ANDRADE, Fernanda Torres**.** Formação do pedagogo para a atuação em espaços não formais de educação: foco nos cursos de pedagogia**.** ***Educação em Foco,*** Belo Horizonte, ano 25, n. 47, p. 1–29, set./dez. 2022.

PINHEIRO, Raquel Alves. **Atuação dos pedagogos em espaços não formais de educação**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

SOUZA, Renata do Nascimento de**.** O museu como espaço de atuação do pedagogo. ***Revista Desenvolvimento e Civilização***, v. 5, n. 2, p. 107–126, jul./dez. 2024. DOI: 10.12957/rdciv.2024.87085.